

## **“Por minha mãe vivo pelo Bairro morro” MARAS, CLICAS ou GANGS na América Latina**

Por o Prof. Dr. Ramiro Anzit Guerrero

Doutor em Direito Penal e Ciências Criminais (USAL). Master em Estudos Estratégicos (INUN). Advogado (USAL). Professor da Universidad del Salvador, Universidad del Museo Social Argentino e da Escola da Magistratura do Tribunal Superior de Justiça do Estado do Pará (Brasil), Conselheiro Editorial da Escola da Magistratura do Rio Grande do Norte / Tribunal de Justiça do RN. membro da Internacional Association for Counterterrorism & Security Professionals, membro da Sociedade Argentina de Análisis Político, membro do Instituto de Direito Penal e Criminologia da Ordem dos Advogados da Capital Federal. Autor de livros: Terrorismo, análise de um condicionamento crítico; Tríplice Fronteira Terrorismo ou Crime?; Questões de Segurança Internacional; Criminologia, evolução e tendências; Cooperação Penal Internacional.

### **1. Origens**

Em princípios dos anos 80 chega aos Estados Unidos, principalmente a Los Angeles (Califórnia), um grupo numeroso de imigrantes salvadorenhos que escapavam das sangrentas guerras internas que El Salvador vivia (1). Alguns destes jovens formaram grupos que tomariam o nome de “Maras” e cujas duas vertentes principais seriam a “Mara Salvatrucha” (MS 13) e a “Mara 18” (MS 18). A palavra “mara” deriva das formigas marabuntas em alusão à forma com que estas se expandem, invadindo e devorando tudo o que encontram pela frente. A palavra Salvatrucha seria formada por “El Salvador” e “trucha”, expressão que define o sujeito que é hábil ou astuto para escapar da polícia. Seus membros são conhecidos como “mareros”. Com o tempo, outras comunidades latinas se vão somando às maras, em particular nicaraguenses, guatemaltecos, hondurenhos, equatorianos, mexicanos e peruanos.

As maras surgem inicialmente como organizações de proteção do bairro ou da rua na qual se vive e para impedir que bandos provenientes de outros bairros – sobretudo em

reação contra o predomínio dos bairros de “cholos” mexicanos em East Los Angeles – se apoderassem do controle ou do domínio da zona. O caráter especial destes bandos é o uso aberto e autorizado da violência, quer seja como proteção ou agressão, e a prática sistemática do delito. O consumo de drogas e o aumento constante na aquisição e uso de armas aceleraram esta espiral de violência até limites extremos. Pronto o narcotráfico, o tráfico de armas, os assaltos e outras atividades delitivas se converteram nas ações principais das maras. A pertinência a uma mara outorgou a muitos jovens desocupados, sem família, sem documentos e provenientes de lares dispersos pela guerra civil e pela miséria, uma identidade. O Bairro, a “clica”, com sua forma de vida denominada “a vida louca”, transformou-se em uma razão de ser e um lema: “Por minha mãe, vivo pelo Bairro, morro”. Em muitos casos gerou-se uma espécie de identificação dos integrantes da mara – os “homeboys” ou “hommies” – entre si, como pertencentes a uma mesma “família”, o que lhes outorgou laços de “fraternidade” similares aos das máfias criminosas. Por sua vez, a solidariedade entre os membros da mara significou uma total indiferença e até o desprezo pelo resto da sociedade.

A reação do governo americano, ao comprovar a gravidade da situação, foi encarcerar e repatriar os membros destas organizações. Já pouco depois do fim da Guerra Civil em El Salvador, que se consegue com os Acordos de Paz de Chapultepec, em 1992, o Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos eliminou as cláusulas que outorgavam aos salvadorenos a condição de refugiados de guerra. No ano de 2000 os governos norte-americano e salvadorenho assinaram um acordo pelo qual o país do norte se reservava o direito de deportar todo o cidadão salvadorenho que cometesse delitos. O fato de que estes delinqüentes, muitos deles ex-combatentes ou ex-guerrilheiros com experiência na construção de armas caseiras, voltassem a seus países de origem, permitiu que se organizassem as maras nestas nações, copiando o modelo dos bandos na Califórnia e criando assim uma organização criminosa transnacional com sede nos Estados Unidos, porém com bases operacionais nos países centro-americanos. Só na fronteira entre o México e a Guatemala existiriam mais de 200 destes bandos com um total de aproximadamente 3.000 membros. No caso de El Salvador, e de forma similar em Honduras, o país converteu-se em refúgio de poderosos sindicatos criminais, compostos em grande parte por ex-membros dos Esquadrões da Morte, que utilizam as maras como

cortina de fumaça para dirigir o tráfico de drogas e de armas impunemente.

## 2. A Vida Louca

Os símbolos da Mara Salvatrucha são o número 13 e as letras MS, que costumam tatuar-se junto a outros motivos, em diferentes zonas do corpo. O mesmo com o número 18, no caso da Mara rival. Seus integrantes se distinguem por ter o cabelo raspado, calças muito folgadas e o corpo decorado com tatuagens, sobretudo os braços, peito, costas e rosto. Nas maras de fronteira (Guatemala-México) alguns dos cabeças se distinguem por tatuar-se uma lágrima por cada vida cobrada. Três pontos na zona do cotovelo, nas articulações dos dedos ou no espaço entre o dedo polegar e o indicador significariam, segundo alguns, “a-vida-louca”, que é como os jovens definem sua forma de vida. Outros motivos de tatuagem, são: caveiras, cruces gamadas (suástica), a imagem da Virgem – na maioria dos casos a Virgem de Guadalupe -, teias de aranhas, ataúdes, as duas caras simbolizando a tragédia e a comédia (2), morcegos, tigres, dragões, serpentes, escorpiões.

Os integrantes das maras são jovens entre 12 a 35 anos, embora se dê o caso em que meninos de até 9 anos de idade se integrem a estes grupos. Além de identificarem-se com as tatuagens, eles utilizam uma espécie de código gestual que denota a pertinência. No princípio se utilizaram muitas palavras e expressões provenientes do inglês, porém com o tempo foram substituídas por gírias locais. Constumam também “marcar” suas zonas de controle com grafites, com símbolos que denotam a clica que “governa” a zona. Imagens religiosas, como a da Virgem Maria, ou legendas em estilo gótico são também muito freqüentes. Assim como as tatuagens pretendem refletir a história do indivíduo que as porta, os grafites simbolizariam a “história” do Bairro.

O ingresso na mara assume formas diferentes segundo a região ou o país. Uma das cerimônias de iniciação na Mara Salvatrucha é que o candidato suporte 13 segundos de golpes. Neste ritual chamado “brincadeira”, o candidato deve lutar com três bandoleiros e em alguns casos com cinco. Em outros casos deve passar por um “túnel” formado por “hommies” os quais se encarregam do maltrato. Outra das obrigações seria matar um

membro de uma organização inimiga.

O consumo de drogas é cotidiano, desde cheirar cola até o uso de drogas mais pesadas como cocaína ou crack. Também se consome maconha, anfetaminas, heroína e outras drogas. O consumo de álcool também é freqüente (cerveja, rum, tequila, guaro, etc.). As armas mais usadas são pedras, punhais, facões, granadas de mão e todo tipo de armas de fogo (pistolas, escopetas de cano cortado, metralhadoras, etc.).

As maras são agrupamentos estritamente hierárquicos, apesar de se assemelhar a “fraternidades”. Os cabeças são, em geral, os que demonstraram maior sangue frio na prática dos delitos, ou os que possuem uma maior capacidade de liderança. Entretanto, com freqüência se fazem votações – por exemplo, que castigo receberá algum membro da mara que tenha violado uma de suas regras –, o que dá uma certa ilusão de participação.

Muitas são as regras que regulamentam o funcionamento das maras e elas variam de acordo com as regiões. As regras mais freqüentes são, por exemplo, a proibição de alternar com alguém da mara inimiga e a obrigação de participar em toda a luta na qual a mara esteja envolvida. Outra regra comum é a obrigação de reagir e responder a toda provocação, mesmo se esteja em condições de inferioridade.

Quando se ingressa na “clica”, se ingressa para toda a vida. Não é permitido o abandono da mesma, que é considerado como “deserção”. É aceito, entretanto, que os jovens que passam dos 30 anos vão lentamente se afastando da atividade delitiva – “acalmar-se” ou “frear” –, pelo menos aos poucos que têm a fortuna de não haver acabado na prisão, no hospital ou no cemitério.

### **3. Ser mulher em um mundo hiper machista**

As relações dos sexos nas maras são as tradicionais, fixadas por uma sociedade machista. No princípio as jovens só tinham a condição de serem as noivas dos mareros, e se participavam de forma ativa nas “ações” do bando, era somente para servir de mensageiras ou “correios” porém, atualmente as jovens adotam mais e mais os costumes

de seus companheiros: exercer a violência, usar armas e tatuar-se do mesmo modo que os rapazes. O rito de iniciação das moças nas maras tem duas variantes: a “tradicional” pancadaria dos treze segundos a outra é o contato sexual obrigatório com um número determinado de “hommies” do bando. A primeira alternativa é a mais freqüente e a que dá mais status. Quem se decide pela segunda opção deve conformar-se com uma posição subalterna no grupo. A maioria das jovens que ingressam nas maras tem entre 16 e 18 anos e, em geral, permanecem menos tempo que os rapazes. Muitas são atraídas pela aparente fraternidade da “clica”, porém em pouco tempo se dão conta de que os esquemas de poder são os mesmos que os da sociedade em geral. Enquanto os jovens decidem ingressar na mara para receber “respeito” e ganhar poder, as jovens vão em busca da amizade que não encontraram em outros ambientes. A maioria das jovens se afasta dos bandos ao ficarem grávidas, o que ocorre com muita freqüência, posto que pouco ou nada se sabe de métodos anti-concepcionais. Todas dizem desejar um futuro melhor para seus filhos, o qual é um desejo que costuma ser muito difícil de levar à prática.

As jovens que roubam, se drogam, têm relações sexuais com os “homeboys”, se tatuam e utilizam a violência, rompem com muito mais tabús que os rapazes, recebem uma condenação muito mais dura por parte da sociedade e lhes resulta enormemente mais difícil afastar-se da mara e reintegrar-se à sociedade. A religiosidade está também presente na vida dos mareros. Muitos se consideram, paradoxalmente, crentes, e as igrejas são espaços neutros, respeitados quando há luta. Nas igrejas, tampouco, de um modo geral, se porta armas. A idéia é que só Deus compreende os mareros e não os julga.

Todos os membros da mara, ao ingressar, recebem um novo nome, ou pseudônimo. O pseudônimo funciona como símbolo de uma nova identidade e também para marcar a dupla vida que muitos levam. Com freqüência sabe-se somente o apodo dos “homeboys” e não seu verdadeiro nome.

#### **4. Recrutamento**

A violência das maras é brutal, impiedosa, injustificada e, sobretudo, visível. Os jovens integrantes dos bandos vivem nas ruas, ostentam seus corpos tatuados e não escondem seu acesso às armas ou sua aficção pelas drogas. Representam a violência visível e personificada, porém não devemos esquecer que formam parte de uma sociedade com carga de violência constante em todos os seus estratos: violência de parte das autoridades e da polícia, e violência na esfera privado: o maltrato às mulheres e às crianças, o machismo, as relações de gênero, a discriminação, desde as estruturas de poder até as estruturas familiares, tudo está traspassado por esta cultura da violência.

São muitos os motivos pelos quais as maras continuam recrutando jovens. É uma história complexa sem soluções rápidas ou unilaterais. Muitos afirmam que enquanto o problema for enfocado como problema policial e se deixe de lado seu aspecto social e cultural, não se poderá frear este fenômeno. As sangrentas guerras civis com sua herança traumática e a influência dos bandos norte-americanos contribuíram para a sua formação, porém também a pobreza, o desemprego, as correntes migratórias do campo para a cidade, a crescente urbanização, o desabamento da estrutura familiar, os pais ausentes, a busca de identidade dos jovens, a cultura da violência sempre presente. E, não menos o problema da aglomeração: as residências ínfimas, onde, estatisticamente, convivem 3,3 pessoas em cada casa, porém, onde não é raro que até 5 adultos e 5 crianças vivam em apenas um quarto e cozinha. Em famílias onde reina o desemprego, o alcoolismo e a violência, as crianças e jovens que não queiram ou possam permanecer em suas casas têm uma só alternativa: a rua. E, já na rua, são presa fácil das clicas que lhes oferecem uma identidade e a ilusão de pertencer a uma “família”. Outras alternativas não existem o tempo sobra, os adultos não têm trabalho, as crianças com freqüência não vão à escola e não há campos de futebol, bibliotecas, cafés, discotecas ou espaços onde os jovens possam reunir-se para atividades positivas. Resta só o “Bairro” ou a “esquina”. Abandonar a escola é, quando não por causa do ingresso na mara, sua conseqüência. E quem não deixa voluntariamente a escola depois do ingresso no bando, deverá deixá-la à força, posto que as escola fecham suas portas aos mareros. O temor à violência, o uso de drogas, as armas, são motivos consideráveis, porém é, à larga, uma situação insustentável.

O contato com a polícia é, mais do que contato, um choque. Ambos os grupos se aborrecem. Os mareros vêem na polícia seus inimigos e os policiais costumam usar violência não provocada e espancar os mareros sempre que se lhes apresenta a oportunidade. As duas partes recorrem à violência como a aparente solução dos problemas, o qual levam este espiral de violência a crescer ainda mais.

A maioria dos jovens integrantes das maras acaba cedo ou tarde na prisão. Calcula-se que cerca de 70% cumpriu, alguma vez, uma condenação de prisão (3). A maior parte dos delitos é de de assalto, maltrato ou homicídio. Embora existam algumas instituições para a reabilitação de jovens bandoleros, a grande maioria acaba nos cárceres comuns, onde são misturados com delinqüentes comuns e com integrantes das maras rivais. A situação dos cárceres deixa muito a desejar: aglomeração, más condições de saúde, prisioneiros que permanecem meses e até anos sem julgamento e sem sentença. Nos cárceres recrutam-se novos adeptos às maras, o que faz deste castigo uma contribuição à espiral da violência.

A vida como marero é, desde um ponto de vista, desgastante. Dentre os jovens que permaneceram na mara por mais de cinco anos, 8 entre 10 querem afastar-se (segundo pesquisas realizadas pela UCA – Universidade Centroamericana – e pela UNICEF) (4), porém é um desejo enormemente difícil de realizar, posto que são jovens “marcados” por suas tatuagens e sua dependência da droga. Não têm trabalho e as escolas negam-se a recebê-los. Carecem de família, residência e uma rede social e familiar que os apóie. Até agora tem sido a Igreja Católica, em colaboração com algumas organizações de cooperação internacional, os que tentam criar espaços onde estes jovens possam receber apoio em sua reinserção social, porém ainda resta muito por se fazer. Um exemplo de programa muito apreciado foi o do Hospital Rosales em San Salvador, que oferece a possibilidade de apagar as tatuagens com raio laser, o que significa para muitos jovens a esperança de uma vida nova: serem aceitos nas escolas e poderem conseguir um trabalho, metas impossíveis de alcançar para os que estejam “marcados”. Lamentavelmente, são muitos mais os interessados no tratamento do que as possibilidades do Hospital em oferecer ajuda, porém o programa é um exemplo de apoio

concreto no processo de reinserção social.

## **5. Leis anti-maras**

Os delitos que os mareros cometem vão desde roubos simples até operações complexas com características de comandos para-militares, crimes por encomenda, passagem de ilegais pela fronteira e disputas de território pelo controle e o manejo de drogas. Os mareros também são utilizados, sobretudo os mais jovens, pelos cartéis da droga. São a bucha de canhão dos barões do narcotráfico: a soldo, aprovisionados de dinheiro, armas pesadas e drogas para consumo próprio, são pagos para introduzir o comércio e vigiar a zona.

Suas fileiras são formadas, em sua maioria, por jovens pobres e sem educação, o que os deixa em uma situação de exclusão social sem inserção no sistema. Os mais arrojados costumam ser os membros mais jovens, de apenas 12 ou 13 anos de idade, os que desejam ganhar status na mara. Também utilizam os imigrantes recém-chegados, os quais são mais baratos e temerários, ao vir de situações de uma extrema pobreza. Cabe esclarecer que não só de pobres e imigrantes se nutrem as maras, uma vez que entre eles pode-se encontrar pessoas que pertenceram às Forças Armadas e de Segurança de países latino-americanos. Alguns destes proviriam da área de inteligência e forças especiais. Por outro lado, ressurgiram grupamentos clandestinos de repressão à maneira dos Esquadrões da Morte, agora conhecidos como a temida “Sombra Negra”, que se dedicam a seqüestrar ou “eliminar” objetivos selecionados dentro das maras. Detectou-se a presença de, entre outros, membros da polícia como integrantes destes grupos.

Vários países centro-americanos têm legislado para tentar frear este problema. Em julho de 2003, Honduras promulgou reformas em seu Código Penal que culminaram na chamada Lei anti-mara, a qual desatou uma campanha imediata de detenções. Três meses depois, em outubro de 2003, El Salvador aprova uma lei anti-mara ainda mais severa que define como marero todo aquele “que se reúna habitualmente, que faça sinais ou tenha símbolos como meio de identificação, que marque o corpo com cicatrizes ou tatuagens” (5), a qual deu origem a detenções muito controversas. No México, no ano

seguinte (2004), procedeu-se a tipificação do “delito do bandoleirismo”, que facilita a detenção dos suspeitos de pertencerem a estes bandos. Desde agosto de 2004, El Salvador desenvolveu um programa denominado “Plano Super Mão Dura”, cujo nome torna desnecessárias as explicações (embora que depois, em razão das críticas, tentou-se mudar este nome pelo de “Plano Super Mão Amiga”). Como muitos assinalam, entretanto, combater às maras com a repressão policial e sem medidas sociais, só piora a situação. Nas palavras do escritor mexicano Rafael Ramírez Heredia, os mareros são como as serpentes da cabeça da Medusa: quando se lhe corta uma, nascem dez novas. (6)

## **6. A fronteira México-Guatemala**

Segundo cifras de abril de 2006, existiriam cerca de 80.000 bandoleiros na América Central, principalmente em El Salvador, Honduras e Guatemala (7). Entretanto, o problema do aparecimento e multiplicação das maras não é um problema somente em El Salvador ou na América Central. As maras reproduzem-se também em todo o México e dali muitos tentam penetrar continuamente nos Estados Unidos. Calcula-se que no México há 10.000 jovens pertencentes às Maras, em sua maioria no estado de Chiapas.

A faixa fronteiriça México-Guatemala oferece às maras um espaço para atuar com muita impunidade, o que os levou a estabelecer-se e criar um império do terror, não só contra os migrantes como também para as populações fronteiriças de ambos os países. A cidade guatemalteca de Tecún Umán, que funciona como funil dos muitos migrantes que sonham em fazer fortuna no país do norte, é considerada como um ninho de maras. Em menor escala, o mesmo acontece em Ciudad Hidalgo, cidade fronteiriça do lado mexicano.

A tática dos mareros é a seguinte: misturar-se com os migrantes nos trens de carga, à medida em que estes vão subindo degrau por degrau. Durante a viagem identificam-se os que levam consigo dinheiro ou objetos de valor e os que são mais vulneráveis, por causa de sua idade ou sexo. Elegem em seguida o momento mais propício para atuar: os lugares de cruzamento clandestino, espaços de evasão dos controles migratórios ou os

espaços onde os migrantes se concentram e refugiam, como casas abandonadas ou estações ferroviárias. Na primeira oportunidade atacam, assaltando e roubando dinheiro, pertences e até a roupa e os sapatos das vítimas. Também ocorre de obrigarem os migrantes a pagar pela “proteção” que lhes dariam contra maras contrárias ou contra as ações das autoridades. Atuam geralmente armados com facas, facões ou outros objetos pontiagudos e, quase sem exceção, o fazem sob a influência de estimulantes, drogas e álcool. É freqüente encontrá-los em cantinas, bares e prostíbulos depois de cometer seus abusos (8).

Os integrantes destes bandos costumam provir das populações aldeãs são conhecedores do terreno e especialistas em encontrar lugares de difícil acesso, sem vigilância policial e, escondidos pela mata espessa ou por um terreno propício às atividades delitivas, atuam com toda a impunidade. Suas vítimas são muito vulneráveis e a ousadia dos migrantes em introduzir-se nas zonas de descampado é justamente pela ânsia de fugir dos controles migratórios. Mortes, ferimentos e violentações são delitos cometidos diariamente. As maras fronteiriças atuam em grupos menores, sem um assentamento fixo, atuando indistintamente em ambas as zonas das fronteiras, o que as torna mais difíceis de localizar e combater.

Outro fator que dificulta a atuação policial é o caráter clandestino das vítimas, as quais, por desconhecimento de seus direitos, o medo das represálias ou pela desconfiança das autoridades, não têm motivações para realizar a denúncia correspondente. Isto reforça a situação de impunidade da qual se aproveitam os mareros.

Embora as maras fronteiriças tenham demonstrado uma crueldade extrema, tanto na eleição das vítimas mais indefesas como no calibre da violência empregada, existem muitas organizações deste tipo em diferentes pontos do México. Em princípio as maras se expandem seguindo o trajeto do trem da fronteira: desde Tecún Umán na Guatemala, com Suchiate, Chiapas, à Coatzacoalcos, Veracruz. A Procuradoria Geral da República (PGR) do México registrou a presença de mareros em Oaxaca, Jalisco, Tamaulipas e Baixa Califórnia Norte. Mencionou-se também Villahermosa, Guadalajara e, certamente, o Distrito Federal (9). Em abril de 2006 acaba de celebrar-se a II Convenção Anti-Bandos

em San Salvador, com uns 200 delegados policiais da América Central, México e Estados Unidos, onde se intercambiaram experiências e propostas para combater e prevenir o problema das maras.

## **7. A globalização do terror**

Os Estados Unidos já advertiram sobre os vínculos que haveria entre os mareros e o terrorismo de origem islâmica. Neste sentido, começaram a realizar uma operação de fechamento e controle de fronteiras com o México, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá e Honduras. A finalidade seria evitar que dentro das atividades que os integrantes das maras levam a cabo, como passagens de ilegais, assassinatos e operações de comando, estes se envolvam também em ações terroristas por encomenda, como uma nova atividade criminosa dos bandos.

Segundo o Washington Post, em julho de 2004 um dos líderes da Al-Qaeda (Andan El Shukrijumah) teria se reunido com membros das maras na República de Honduras, depois de ingressar ilegalmente desde a Nicarágua. Por sua vez, também havia tido reuniões no Panamá. O objetivo do terrorista seria comprometer os bandoleiros em atentados a embaixadas de países como Espanha, Grã Bretanha e Estados Unidos.

Por outro lado, o fanatismo destes jovens se assemelha em alguns casos exercidos pelos fundamentalistas islâmicos. Um destes fatos ocorreu quando no ano de 2005, em Honduras, atacaram com armamento um ônibus público, onde perderam a vida 24 pessoas e 16 ficaram feridas. Esta ação foi um ato de vingança ante a acusação que fizeram ao governo hondurenho de assassinar dois bandoleiros, ateando-lhes fogo, em cárceres estatais.

A rede criminosa das maras estende-se em mais de doze estados dentro dos Estados Unidos e cinco países da América Central. Este é outro elemento que o governo norte-americano considera, ao assinalar os integrantes dos bandos como possível ameaça terrorista, por terem a capacidade de utilizar seus canais habituais para o tráfico de drogas, como a passagem ilegal de terroristas internacionais.

**Notas:**

(1) Por causa das guerras internas em El Salvador (1981-1992), que cobraram a vida de 70.000 pessoas, se iniciou uma enorme migração de salvadoreños, tanto dentro dos próprios limites do país, como nos países limítrofes e fundamentalmente nos Estados Unidos e no México. No ano de 2000 vivia perto de um milhão de salvadoreños no país do norte, sobretudo em Los Angeles, Califórnia. Depois dos terremotos de 2001 incrementou-se ainda mais o número de imigrantes.

(2) Esta curiosa tatuagem, símbolo clássico da tragédia e da comédia, simbolizaria nestes casos, segundo alguns, a alegria e a tristeza: a tristeza de estar “tirando tiempo” na prisão, e a alegria ao recuperar a liberdade e poder reintegrar-se à Vida Louca da Mara.

(3) Ver Schmidt, Johan. Gruppryck: om ungdomsgäng i El Salvador. Foto: Magnus Rosshagen. Rädda Barnen/UBV, Stockholm, 1998

(4) Ver Ström, Anna. La vida loca: röster från gängens El Salvador (med bilder av Magnus Rosshagen). Atlas, Stockholm, 2000

(5) Ver Juan Balboa, “En ascenso, la presencia de maras salvatruchas en territorio mexicano”, novembro de 2004 (em: [http://ciss.insp.mx/migracion/index.php?seccion=noticias&id\\_not](http://ciss.insp.mx/migracion/index.php?seccion=noticias&id_not))

(6) Ver “Si matan al marero que lo maten! Me importa madres”, entrevista de Diego Murcia e Christian Guevara a Rafael Ramírez Heredia (em: [http://www.elfaro.net/Programas/Imprimir/Imprime\\_Pagina.asp?Url](http://www.elfaro.net/Programas/Imprimir/Imprime_Pagina.asp?Url))

(7) ver: noticia en El diario de Hoy: <http://www.elsalvador.com/printedf/printedfv1.asp?url>

(8) Ver: “Maras Salvatruchas no reconocen la ley dinero, drogas y mujeres, su objetivo de vida” (em: <http://www.lacrisis.com.mx/maras260204.htm>)